

Sarney

ESTADO DE SÃO PAULO

15 JUL 1989

## De Paris a Mombaça, tudo é festa

WILLIAM WAACK

Para um presidente em final de governo — ao qual, como se sabe, sequer se serve o cafezinho — José Sarney conseguiu muito: está tomando champanhe em Paris. Mas seria realmente exagerado esperar que seus outros colegas, chefes de governo ou Estado, de países ricos e pobres, o levassem a sério.

Sarney é um dos grandes responsáveis por sua própria solidão diplomática na França. Ele não tem culpa de estar em fim de governo, mas sua insistência em permanecer no Planalto por cinco anos (para que, afinal?) levou o Brasil à triste condição de lanterna das eleições diretas na América do Sul. Se o País precisar do segundo turno para escolher seu presidente, vai perder até mesmo do Chile — enquanto a Argentina já foi para sua segunda eleição direta, desde a redemocratização.

Claro está que o problema das eleições é o da credibilidade e legitimidade, dois aspectos de enorme relevância sobretudo no campo das relações internacionais, no qual, mesmo sob o regime militar, o Brasil sempre tentou não parecer uma república bananeira. Novamente, Sarney não tem culpa pelo fato de o destino ter lhe jogado a Presidência nas mãos. Quanto à credibilidade internacional do País, sua atuação foi péssima.

Se grande parte da população brasileira há tempos nota um profundo descompasso entre o que o presidente diz e o que faz, seria tolice esperar que os outros países, industrializados ou não, tivessem idéia diferente da capacidade da administração Sarney de formular idéias, apresentar planos ou procurar soluções. Já nem se trata de agradar a mentalidades tão reconhecidamente tacanhas, como a do kanzler Helmut Kohl, para o qual a falta de continuidade na ocupação dos postos de segundo escalão na administração brasileira torna muito difícil qualquer diálogo sobre a dívida.

O aspecto central é que ninguém mais, dentro ou fora do Brasil, atribui a Sarney qualquer capacidade (e alguns nem sequer a intenção) de levar o País a resolver com a comunidade internacional alguns de seus principais problemas: o financeiro, o comercial e o ecológico. E por melhor que sejam redigidos os discursos de experientes diplomatas brasileiros — como os representantes em Nova York ou Genebra, Moscou ou Washington — torna-se difícil escapar à convicção geral de que nem sequer o Itamaraty conseguiu preservar sua imagem intocada.

### Brasil, o lanterninha das eleições diretas no continente

Existem, contudo, outros fatores que ajudam a explicar essa triste e melancólica situação à qual foi atraído o presidente que se jacta de comandar a oitava economia capitalista do mundo. Ninguém passa por uma década de estagnação, como o Brasil (e outros latino-americanos, aliás) impunemente. Pior ainda é a perda relativa de importância, dadas as transformações que estão ocorrendo em outros lugares, e cuja relevância dificilmente tem sido compreendida pelas elites dirigentes em Brasília.

Não só do ponto de vista econômico mas, principalmente, político, fala-se da formação de um eixo que começa em Moscou, passa por Bonn, daí a Washington/Nova York a Tóquio e fecha-se em Moscou. É um paralelo geográfico integrado por países cuja liderança política e econômica está cimentando as bases do século XXI.

Longe, afastado, aplicando-se rasteiras e carente de impulsos, qual é o papel do Brasil nisso tudo? Que impulsos ou tendências ele pode mostrar a seus vizinhos geográficos, ou a países em estágio semelhante de desenvolvimento na Ásia ou África? Qual é a percepção que se tem, em Brasília, da possível relevância brasileira nas relações internacionais, na próxima década?

Sarney não tem culpa pessoal pelo fato de nada disto estar resolvido. Possivelmente esses problemas escapam à percepção de qualquer político, como ele, cujo horizonte escassamente ultrapassa os limites dos interesses mesquinhos, regionais e provincianos. Desses políticos e dessa mentalidade o Planalto Central está repleto.

Assim, a atitude do presidente brasileiro em Paris — suas cartas, suas declarações, reclamações, libelos e apelos — lembra de certa maneira a atitude de parte de tradicionais políticos nordestinos em relação ao poder central, no Brasil, queixando-se de supostos cerceamentos a seu desenvolvimento, suplicando verbas, pedindo favores, enquanto os seus interlocutores estão cansados de saber que não existe intenção real de mudar o status quo.

A diferença é que os ricos (aparentemente, os pobres também) precisam pouco do Brasil, para qualquer coisa que pretendam. Podem prescindir confortavelmente de Sarney, que sabem não ter alcance para resolver qualquer coisa. Com a nossa pouca vergonha em encher um jato intercontinental de convivas, para posar de sérios na festa, confundimos todos os papéis.

Os outros é que não foram para festas.

William Waack é jornalista.